

Os Verbos de Atitude Proposicional Epistêmica em Construções Oraçionais Completivas do PB: uma proposta construcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i3.3628>

Júlia Maria das Dores Duarte¹
Luana Lopes Amaral²

Resumo

Este artigo expõe os desdobramentos da pesquisa de Duarte (2022), em que é explorada a expressão da Atitude Proposicional Epistêmica de crença no português brasileiro por meio da relação entre os *Complement-Taking Predicates*, que são verbos que aceitam orações no complemento (como *acreditar*, *achar*, *chutar* e outros) e a Construção Oraçional Completiva em si (*Ela chutou que o resultado seria um a zero*). Porém, em eventos como *Ele chutou a bola*, não há sentido epistêmico, sendo *chutar* interpretado como um verbo de ação em uma oração transitiva prototípica. O método foi de analisar 35 verbos e suas ocorrências. Com base em Croft (2022), propomos que a expressão da Atitude Proposicional Epistêmica de crença está relacionada com a Construção Oraçional Completiva; todavia, o papel do verbo também é significativo: somente os verbos que denotam algum tipo de incerteza futura podem ser empregados como verbos de Atitude Proposicional Epistêmica de crença; ademais, esses verbos expressam a Atitude Proposicional Epistêmica de crença apenas quando inseridos na Construção Oraçional Completiva.

Palavras-chave: Atitude Proposicional Epistêmica; *Complement-Taking Predicates*; Construção Oraçional Completiva.

1 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; julia-duarte@ufmg.br; <https://orcid.org/0000-0002-7422-2672>

2 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; lualopes@ufmg.br; <https://orcid.org/0000-0002-4290-1208>

The Epistemic Propositional Attitude Verbs in Complement Clause Constructions of BP: a constructional proposal

Abstract

This article exposes the developments of the research by Duarte (2022), in which the expression of Epistemic Propositional Attitude of belief in Brazilian Portuguese is explored through the relationship between Complement-Taking Predicates, which are verbs that accept clauses in the complement (such as *acreditar* (to believe), *achar* (to think), *chutar* (to kick), and others) and the Complement Clause Construction itself (e.g., *Ela chutou que o resultado seria um a zero* (She guessed that the result would be one to zero)). However, in events such as *Ele chutou a bola* (He kicked the ball), there is no epistemic meaning, with *chutar* being interpreted as an action verb in a prototypical transitive sentence. The method involved analyzing 35 verbs and their occurrences. Based on Croft (2022), we propose that the expression of the Epistemic Propositional Attitude of belief is related to the Complement Clause Construction; however, the role of the verb is also significant: only verbs that denote some type of future uncertainty can be employed as verbs of Epistemic Propositional Attitude of belief; moreover, these verbs express the Epistemic Propositional Attitude of belief only when embedded in the Complement Clause Construction.

Keywords: Epistemic Propositional Attitude; Complement-Taking Predicates; Complement Clause Construction.

Introdução

Na gramática do português brasileiro (doravante PB), os verbos são as palavras que, prototipicamente, descrevem eventos e seus participantes. Tais participantes são expressos, por sua vez, por meio de argumentos, em construções de estrutura argumental (Goldberg, 1995; Levin; Rappaport Hovav, 2005; Croft, 2012, Cançado; Amaral, 2016), como em *O menino comeu o bolo*, no qual o verbo *comer* seleciona dois argumentos para ter seu sentido completo: os sintagmas nominais *o menino* e *o bolo*. Em alguns casos específicos, porém, determinados verbos permitem que um evento seja aplicado como argumento, ou seja, certos predicados recebem uma oração que denota um evento encaixado em sua estrutura argumental.

Na literatura linguística, esses verbos são denominados *Complement-Taking Predicates* (abreviados como CTP por Cristofaro (2003) e Noonan (2007)) e, nas gramáticas tradicionais e descritivas do português, esse conceito refere-se aos verbos que têm a capacidade de serem seguidos por uma oração subordinada, conforme debatido pelas gramáticas de Perini (1995), Neves (2000) e Cegalla (2009). Em uma sentença como *João falou que a Maria está atrasada*, o CTP é o verbo *falar*, a oração matriz é *João falou* e a oração completiva é *que a Maria está atrasada*. Ao combinarmos esses elementos, configura-se uma Construção Oracional Completiva, conforme Croft (2022).

Dentre esses CTPs, há um grupo de verbos que, quando integrados à Construção Oracional Compleativa, compartilham um significado comum relacionado à expressão de estados de crença do sujeito, indicando que esses verbos expressam a ideia epistêmica e são equivalentes ao verbo *acreditar*. Verbos desse tipo geralmente servem para introduzir proposições³, como em *João acredita que a Maria está grávida*, em que *acreditar* é o verbo principal e a frase serve como uma afirmação de que uma determinada crença, de *que a Maria está grávida*, é mantida pelo falante (Hopper; Traugott, 2003).

Entre esses verbos, no PB, podemos citar: *achar*, *acreditar*, *apostar*, *calcular*, *chutar*, *fantasiar*, *pensar* e *projetar*. Por exemplo, em sentenças como as de (1a) a (1f)⁴, a seguir, todos os verbos expressam a crença de um indivíduo:

- (1a) O linguista **acredita** que o trabalho com gêneros em sala de aula deve refletir tanto sobre a forma textual quanto sobre os propósitos do gênero.
- (1b) O autor **aposta** que o humor é necessário.
- (1c) A Organização Mundial da Saúde **calcula** que em 2015 haverá aproximadamente 2.3 milhões de adultos com sobrepeso [...].
- (1d) Ela **chutou** que o resultado final seria dois a zero.
- (1e) O estudante de engenharia civil **imagina** que o seu desenvolvimento exige processos complexos para o seu dimensionamento [...].
- (1f) O ITRS (International Technology Roadmap for Semiconductors) **projeta** que até o final desta década será possível a integração de quatro bilhões de transistores em um único chip.

Esses verbos são denominados como CTPs de Atitude Proposicional Epistêmica pela literatura porque refletem a postura da crença de um indivíduo em relação à veracidade da proposição contida no complemento (Givón, 1980; Cristofaro, 2003; Noonan, 2007; Croft, 2022; Duarte, 2022). Contudo, quando esses mesmos verbos, com exceção do

3 Wittgenstein (1999) define *proposições* como aquelas sentenças nas quais é possível aplicar o cálculo de verdadeiro ou falso.

4 As sentenças provêm dos apêndices do estudo realizado por Duarte (2022), com exceção da sentença em (4), na qual o verbo *chutar* foi extraído de textos disponíveis na internet. A sentença (4) foi retirada do *site* <https://www.ofuxico.com.br/noticias/marilia-mendonca-venceu-junto-com-o-brasil-entenda/>. Acesso em: 28 mar. 2023.

verbo *acreditar*⁵, são empregados em construções distintas da Construção Oracional Completiva, como se observa, por exemplo, nas Construções Transitivas em (2)⁶, em que o complemento do verbo é um sintagma nominal, o significado se altera:

- (2a) Ele **aposta** o carro se a eleitora topar um desafio entre os dois na segunda-feira.
- (2b) A OMS **calcula** o R0 do novo coronavírus em entre 1,4 e 2,5, enquanto outros pesquisadores divulgaram resultados entre 2 e 3.
- (2c) Ela **chutou** a bola.
- (2d) A cada interação, a criança **imagina** o real, como uma projeção da situação vivida [...].
- (2e) O empresário **projeta** o produto e o investimento setorial, as contas nacionais, do setor público e do balanço de pagamentos.

Nos enunciados apresentados em (2), podemos identificar uma variedade de estruturas verbais, cada uma com seu significado distintivo: o verbo *apostar* está sendo categorizado como um ato de fala performativo, sob a ótica pragmática de Austin (1962); os verbos *calcular* e *imaginar* são reconhecidos na literatura como verbos de cognição, uma vez que estão vinculados a processos mentais (Halliday, 1985); o predicado *chutar* é classificado como um verbo que envolve contato físico intermediado pelo corpo, como discutido por Cançado, Amaral e Meirelles (2017); por último, o verbo *projetar* é categorizado como um verbo de criação, conforme Amaral (2022). Sendo assim, ocorre que em nenhuma das construções em (2) a expressão da Atitude Proposicional Epistêmica se mantém, diferentemente das sentenças do exemplo (1).

Esse fenômeno linguístico, no qual o significado de um predicado se expande para outras categorias de acordo com a construção na qual está inserido, encontra sua explicação

5 Duarte (2022) propõe que o verbo *acreditar* representa de maneira prototípica o conceito da atitude proposicional epistêmica. A autora mostra que essa caracterização é lexicalizada no próprio verbo, resultando na ausência de dados relativos às Construções Transitivas. Em seu estudo, Duarte (2022) argumenta que para que essa atitude se manifeste, é necessário que ela seja direcionada a um evento específico. É por esta razão que uma sentença como *Ela acredita na ciência* se torna válida, pois a crença está sendo direcionada ao evento *ciência*. O trabalho de Duarte (2022) proporciona uma análise mais profunda desse verbo e o seu processo de lexicalização. Neste artigo, porém, concentraremos-nos nos verbos menos prototípicos e mais atípicos, como os concentrados no exemplo (2).

6 Sentenças também retiradas dos Apêndices de Duarte (2022), com exceção do verbo *chutar*, que foi retirado do banco de dados VerboWeb (Cançado; Amaral; Meirelles, 2017).

na abordagem da Gramática de Construções (GC) (Goldberg, 1995; Fillmore, 1988; Croft, 2001, 2022, entre outros). A GC assume que a língua se compõe de uma rede estruturada de construções, que são pareamentos de estrutura morfossintática e significado, e, desse modo, mesmo estruturas sintáticas complexas, como as Construções Transitivas ou as Construções Oracionais Completivas, por exemplo, possuem significado. Assim, a partir desse arcabouço teórico, partindo especificamente de Croft (2022), podemos investigar como o preenchimento de *slots* verbais em diferentes construções determina a expressão da atitude proposicional epistêmica no PB.

Esta pesquisa objetiva, portanto, apresentar um desdobramento dos resultados encontrados no trabalho de Duarte (2022) e colocar em foco as seguintes indagações: por que a expressão da Atitude Proposicional Epistêmica é mantida nas Construções Oracionais Completivas, em (1), com esses verbos (CTPs), ao passo que não é manifestada quando esses mesmos verbos são empregados em outras construções, como nas Construções Transitivas em (2)? Como pode ocorrer que tais predicados possam, inclusive, receber classificações tão distintas quando são empregados como núcleo verbal nas sentenças em (2)?

A hipótese é que a expressão da Atitude Proposicional Epistêmica na estrutura gramatical é devido à relação semântica interna das Construções Oracionais Completivas somado à natureza do significado do CTP. Isso ocorre porque, a partir do complemento (a proposição contida na oração completiva), o falante de PB tem a possibilidade de expressar suas crenças, mesmo que o verbo em questão não lexicalize a atitude proposicional epistêmica.

Para atingir esses objetivos, a metodologia consistiu na revisão dos dados contidos no trabalho de Duarte (2022) e na ampliação de nossa análise ao incorporar o verbo *chutar*. Duarte (2022) analisou 34 CTPs que expressam Atitude Proposicional Epistêmica e selecionou sentenças a partir do *site* Google Scholar⁷. A coleta dos verbos foi feita com base no levantamento preliminar que faz parte do trabalho de Cunha (2021) e, após esse levantamento, selecionamos enunciados – para cada CTP analisado, a estrutura de busca utilizada foi: “CTP (no tempo presente) + a partícula complementadora *que*”. Para mais, investigamos as ocorrências desses verbos (CTPs) em Construções Transitivas. Essa investigação foi conduzida utilizando-se a mesma ferramenta de pesquisa mencionada

⁷ A autora justifica sua escolha pelo *site* de buscas Google Scholar por ser uma ferramenta que se destaca como uma plataforma de busca de acesso aberto que reúne e cataloga uma ampla gama de materiais provenientes da literatura acadêmica, abrangendo diversas disciplinas do conhecimento. Os textos disponibilizados nesse portal apresentam a argumentação de trabalhos científicos, que é frequentemente embasada pelo emprego de Construções Oracionais Completivas. As orações subordinadas introduzem informações adicionais, justificativas ou evidências que sustentam a afirmação principal que está sendo feita na oração matriz e ajudam a contextualizar, explicar e fortalecer o argumento de maneira mais completa e detalhada. Trata-se, portanto, de fonte ideal para encontrar a estrutura sob investigação.

anteriormente. As sentenças examinadas com o verbo *chutar*, entretanto, foram extraídas de *sites* da internet e do projeto VerboWeb. Isso se deve ao caráter informal desse verbo no contexto acadêmico, o que impossibilitou a obtenção de dados com esse verbo utilizando a metodologia original de Duarte (2022). A inclusão desse verbo para a análise aqui apresentada foi motivada pelo contraste de significado que ele apresenta nas construções analisadas.

Este artigo é dividido em quatro seções: nesta seção, procedemos à introdução do objeto de estudo à luz da GC, abordamos os problemas, as hipóteses, os objetivos e os aspectos metodológicos que moldam este trabalho; na segunda seção, realizamos uma discussão do enquadramento teórico da GC, com foco especial nos trabalhos de Croft (2001, 2022), e exibimos um breve esclarecimento acerca do conceito de atitude proposicional; na terceira seção, nos concentraremos na análise crítica dos enunciados coletados, abordando as Construções Oracionais Completivas do PB e a aplicação do CTP de Atitude Proposicional Epistêmica nesse tipo de construção; por fim, na quarta e última seção, apresentaremos as conclusões e considerações finais desta pesquisa.

Fundamentação teórica

Esta seção de fundamentação teórica está dividida em duas partes, cada uma abordando um aspecto central da análise proposta. A primeira parte, intitulada *A Gramática de Construções*, discute os princípios e as noções fundamentais da Gramática de Construções, sobretudo o trabalho de Croft (2022). Já a segunda parte, *A Atitude Proposicional*, apresenta uma síntese das atitudes proposicionais dos autores Hengeveld (1988) e Cristofaro (2003).

A Gramática de Construções

A Gramática de Construções (GC) tem suas raízes na abordagem da Linguística Cognitiva. Ela reúne uma série de vertentes teóricas, como Lakoff (1974, 1977), Langacker (1976), Fillmore (1985, 1988), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Goldberg (1995), Croft (2001, 2022), entre outros, e tem como premissa fundamental a ideia de que todas as expressões linguísticas, independentemente de sua complexidade, são moldadas pelas escolhas cognitivas feitas pelo falante para externalizar suas concepções do mundo real. O princípio da GC reside na interconexão entre *forma* e *significado*. Em outras palavras, as expressões linguísticas são entendidas como unidades simbólicas que surgem da correspondência entre os aspectos morfossintáticos (forma) e as categorias semântico-pragmáticas-discursivas (significado ou função).

A GC surge como uma reação crítica ao modelo gerativista, como uma alternativa à ideia de que as generalizações linguísticas conhecidas pelo falante devem ser representadas por meio de regras sintáticas ou derivações. Como bem apontado por Pinheiro e Ferrari

(2020, p. 597), “o modelo construcionista se opõe à concepção de que as generalizações linguísticas apreendidas pelo falante devem ser capturadas através de regras ou derivações sintáticas”. Croft (2001), em uma proposta mais radical da teoria, esclarece que a base do construcionismo deriva da concepção de que *a unidade central de uma operação sintática é a construção*. Nesse contexto, a construção é definida como uma unidade linguística composta por uma estrutura complexa (forma) e seu significado (função).

Partindo dessas premissas mais abrangentes da GC, esta pesquisa se sustenta na perspectiva construcionista de Croft (2001, 2022), conhecida como Gramática de Construções Radical (GCR), como referencial teórico central.

Na GCR, o autor delinea o conceito de construção (abreviado pelo autor como **cxn**⁸) como sendo “qualquer correspondência entre forma e função em uma língua (ou línguas diversas), empregada para expressar uma fusão entre conteúdo semântico e organização da informação” (Croft, 2022, p. 17, tradução própria)⁹. A construção é, então, um conjunto de formas morfossintáticas, denominadas pelo autor como *estratégias* (ou **est**), que são emparelhadas com uma função específica, caracterizada por compartilhar uma configuração particular de *conteúdo semântico* (denominado **sem**) e *empacotamento da informação* (identificado como **inf**). A estrutura básica de uma construção é apresentada a seguir na Figura 1:

Figura 1. A estrutura básica de uma construção



Fonte: Croft (2022, p. 5, adaptado)

A forma de uma (ou qualquer) construção, por sua vez, deriva das estratégias morfossintáticas (**est**) adotadas por cada língua para expressar a função da construção (Croft, 2022). A concepção de estratégia (**est**) pode ser compreendida como:

⁸ O termo *cxn* é uma abreviação de *construction* (construção).

⁹ No original: “any pairing of form and function in a language (or any language) used to express a particular combination of semantic content and information packaging”.

[...] uma estrutura presente em uma língua (ou qualquer língua) utilizada para comunicar uma combinação específica de conteúdo semântico e estruturação da informação (o 'o quê') e que também se diferencia por certas características de natureza gramatical que podem ser consistentemente definidas de maneira transcultural (o 'como') (Croft, 2022, p. 19, tradução própria)¹⁰.

No âmbito da função, a respeito do conteúdo semântico (**sem**), Croft (2022) classifica os principais conceitos em três categorias fundamentais: *objetos*, *ações* e *propriedades*. Os conceitos de objeto (**sem**) englobam tanto indivíduos, como pessoas e coisas, como também entidades animadas e inanimadas. Por outro lado, os conceitos de ação (**sem**) representam as categorias semânticas opostas aos conceitos de objeto (**sem**), isto é, uma ação (**sem**) é definida como um evento que ocorre por meio de alguém ou algo. Finalmente, os conceitos de propriedade (**sem**) ocupam uma posição semântica intermediária, compartilhando algumas características dos objetos (**sem**) e outras das ações (**sem**). Para ilustrar, em uma sentença como *O avião branco pousou*, tem-se: *avião* como objeto (**sem**); *pousar* como ação (**sem**); e *branco* como propriedade (**sem**).

A GCR de Croft (2001, 2022) distingue entre entidades *não-relacionais* (**sem**) e entidades *relacionais* (**sem**). O conceito semântico de objeto (**sem**) é classificado como *não-relacional*, uma vez que, por definição, ele não se refere a outras entidades, existindo independentemente. Em contrapartida, os conceitos semânticos de ação (**sem**) e propriedade (**sem**) são categorizados juntamente sob a designação de eventos (**sem**), devido à sua natureza *relacional*, por serem categorias semânticas que existem como resultado de serem ações (**sem**) executadas por indivíduos ou propriedades (**sem**) inerentes a um indivíduo (Croft, 2022).

A abordagem de Croft (2022) também destaca que esses conteúdos semânticos (**sem**) podem ser combinados com qualquer forma de empacotamento da informação (**inf**). A categorização do empacotamento da informação (**inf**) opera como um articulador dos objetivos compartilhados entre os interlocutores durante o discurso e as suas principais categorias incorporam os seguintes atos proposicionais: (i) referência (**inf**): refere-se ao foco da comunicação do falante; (ii) predicação (**inf**): envolve as afirmações feitas pelo falante a respeito dos referentes em um enunciado específico; (iii) modificação (**inf**): inclui informações complementares sobre o referente.

Em sua perspectiva não-reducionista e que prevê um sistema que integra o léxico e a construção, Croft (2022) também observa que as construções são complexas, pois são constituídas por elementos que desempenham papéis internos. Uma construção

10 No original: "a construction in a language (or any language), used to express a particular combination of semantic content and information packaging (the 'what'), that is further distinguished by certain characteristics of grammatical form that can be defined in a cross linguistically consistent fashion (the 'how')".

é composta por elementos (as partes) que, individualmente, têm a capacidade de se tornarem componentes de novas construções e, em muitas delas, um elemento assume uma posição especial em relação aos outros elementos (que são *dependentes* desse elemento). O autor identifica esse elemento central como o núcleo da construção: a palavra que possui o conteúdo mais proeminente e que desempenha a mesma função de um sintagma (ou até mesmo de uma oração) como um todo. Em uma sentença como *O menino quebrou o vaso*, o núcleo é o evento de *quebrar* e os elementos dependentes são *o menino* e *o vaso*.

Em suma, a Gramática de Construções tem como objeto de estudo as construções gramaticais e reconhece que as construções têm propriedades próprias e podem carregar significados que vão além da soma das partes individuais. As construções são, portanto, um veículo crucial para transmitir não apenas informações objetivas, mas também nuances emocionais, opiniões pessoais e interpretações subjetivas do mundo ao redor, inclusive a crença do falante, como as atitudes proposicionais.

A Atitude Proposicional

A Atitude Proposicional, conceito fundamental na filosofia da linguagem, é uma noção que relaciona um indivíduo e uma proposição, que é uma unidade de significado que pode ser verdadeira ou falsa (Wittgenstein, 1999). Esse pressuposto está intrinsecamente ligado à maneira como os seres humanos compreendem, interpretam e se comunicam sobre o mundo ao seu redor. A capacidade de atribuir, por meio da linguagem, estados mentais, como crenças, desejos e intenções, a si mesmo e a outros indivíduos é o domínio da atitude proposicional.

Na linguística, a aplicação da atitude proposicional nessa área do conhecimento é notável na análise da estrutura das sentenças e na interpretação do significado. Através da linguagem, os falantes podem expressar proposições que descrevem estados mentais, como quando relatam suas próprias crenças (*Eu acredito que está chovendo*) ou quando atribuem crenças a outros (*Ele acredita que o filme é ótimo*).

Cristofaro (2003) percebe que as atitudes proposicionais também estão, de certo modo, relacionadas à modalidade, ou seja, à forma como os falantes expressam a certeza ou incerteza em relação às proposições que estão expressando. Por exemplo, em *O céu está azul* transmite uma certeza mais forte do que em *Eu acho que o céu está azul*. Cristofaro (2003) ainda completa que esses predicados de atitude proposicional pertencem ao "domínio epistêmico, na medida em que se referem ao compromisso de alguém com a verdade de alguma proposição que está sendo expressa" (Cristofaro, 2003, p. 100,

tradução própria)¹¹. Essas atitudes podem ser expressas por meio de verbos como *acreditar*, *duvidar* e *saber*, os quais indicam diferentes graus de comprometimento do falante com a verdade de uma proposição.

Sobre isso, Hengeveld (1988) aborda a concepção da existência de três graus de comprometimento do falante: o grau de certeza, como *saber*; o grau de probabilidade, associado a *acreditar*; e o grau de possibilidade, expresso através do sentido de *duvidar*. O autor também argumenta que o falante expressa um julgamento sobre um determinado conteúdo proposicional, o qual pode variar entre certeza (comprometimento forte), probabilidade (crença) ou possibilidade (comprometimento fraco). No âmbito deste artigo, consideraremos o grau de comprometimento de *probabilidade*, aquele que expressa o comprometimento de crença, com significados relativos a *acreditar*.

Resumindo, as atitudes proposicionais são um aspecto fundamental da linguagem humana, permitindo que os falantes expressem suas crenças, emoções e intenções ou a de outros indivíduos. Ademais, entendemos que a atitude proposicional epistêmica pode ocorrer em diferentes níveis, conforme as experiências as quais o falante quer externalizar.

Na próxima seção, retomaremos e ampliaremos essas reflexões, além de discutirmos as análises do nosso objeto de estudo com base nos fundamentos construcionistas de Croft (2022).

A expressão da atitude proposicional epistêmica nas construções oracionais completivas do PB

Nesta pesquisa, na análise do conjunto de dados coletados a partir do trabalho de Duarte (2022) e com a ampliação do verbo *chutar*, identificamos estruturas comparáveis à ilustrada no exemplo (3):

- (3) *Paulo Freire* **aposta** que a linguagem se constitui nas relações sociais entre os sujeitos e funciona como ferramenta para se ultrapassar a relação opressor X oprimido.

Em primeiro lugar, sustentamos a hipótese de que a Construção Oracional Completiva exibe atributos de natureza sintático-semântica e pragmático-discursiva que são singulares da natureza dessa construção e não são compartilhados por outros tipos de construções. Dessa maneira, essa construção se configura como uma construção singular no PB e emerge da convergência entre a forma linguística e a função comunicativa, visando

¹¹ No original: “domain of epistemic modality, in that refer to somebody ‘s commitment towards the truth of some proposition being expressed”.

expressar uma combinação específica de conteúdo semântico (**sem**) e empacotamento da informação (**inf**), conforme Croft (2022).

Os principais elementos/componentes dessa construção são: o CTP de Atitude Proposicional Epistêmica (CTP) (**cxn**), o Sujeito (**cxn**) e o Complemento (**cxn**). A seguir, no Quadro 1, apresentamos a codificação construcional da Construção Oracional Completiva, ou seja, uma ilustração dos elementos que compõem tal construção. Esse quadro visa esclarecer a organização interna e os componentes envolvidos em nosso objeto de estudo:

Quadro 1. Elementos/componentes da Construção Oracional Completiva, conforme Duarte (2022)

Elementos da Construção	Sujeito (cxn)	CTP – núcleo (cxn)	Complemento (cxn)
-------------------------	---------------	--------------------	-------------------

Fonte: Elaboração própria

Importante destacar que, em uma perspectiva radical e não reducionista, considera-se que os elementos de uma Construção Oracional Completiva (ou qualquer construção), além de serem únicos e exclusivos da construção, também são, por si só, construções (Croft, 2022).

Em consonância com Croft (2022) e conforme o estudo para o PB de Duarte (2022), o CTP é elemento *nuclear* da Construção Oracional Completiva. Nos exemplos analisados, o núcleo empacota a informação por meio de uma predicação (**inf**), pois é nessa predicação que uma asserção é feita em relação aos referentes de tal sentença. Logo, o que está sendo empacotado é a informação de predicação (**inf**): o CTP realiza o ato de predicar em relação ao Sujeito (**cxn**).

Quanto à categoria semântica (**sem**) desses CTPs, enquadram-se na classificação de *eventos de atitude proposicional epistêmica* que refletem a perspectiva de crença do indivíduo sobre quem o falante fala. Por esse motivo, o CTP (**cxn**) representa um estado mental mantido pelo Sujeito (**cxn**) em relação à proposição expressa pelo Complemento (**cxn**). Os exemplos em (4), com o CTP *estimar*, *julgar* e *pensar*, ilustram esse raciocínio¹²:

- (4a) A Organização Mundial da Saúde (OMS) **estima** que hoje, no mundo, 350 milhões de pessoas vivam com depressão.

¹² Os dados completos podem ser averiguados nos apêndices do trabalho de Duarte (2022).

- (4b) Bacon **pensa** que, em função de suas características, há uma grande limitação no método cético de argumentação.
- (4c) Arendt **julga** que a educação deve ser, antes de tudo, orientada pela responsabilidade pelo mundo, que se traduz tanto na sua apresentação aos novos quanto na conservação da novidade nestes.

Verificamos também que a relação da atitude de crença do Sujeito (**cxn**) em relação ao que é descrito na proposição do Complemento (**cxn**) está presente em todos os CTPs que foram examinados na construção. Os resultados obtidos revelam que esses núcleos constituem predicados (**inf**) que expressam uma ação de atitude proposicional de crença (**sem**), sendo que a estratégia (**est**) empregada pelo CTP, no PB, é o uso de um verbo (**est**).

A respeito dos elementos dependentes, chegamos à conclusão de que, nas construções examinadas: o papel/a função do Sujeito é de realizar a referenciação (**inf**) de um indivíduo que experiencia a atitude proposicional (**sem**)¹³, e sua forma, no PB, é a estratégia de um sintagma nominal (**est**); e o Complemento (**cxn**) desempenha o papel/a função de referenciação (**inf**) à proposição (**sem**) da construção, e sua forma morfossintática é modelada como uma oração introduzida pelo morfema *que* (**est**).

Combinar um objeto (**sem**) com a função de referenciação (**inf**) e uma ação (**sem**) com a função de predicação (**inf**) representam enquadramentos altamente produtivos, prototípicos e menos marcados sintaticamente¹⁴ (Croft, 2022). Todavia, notamos uma distinção significativa no conteúdo semântico da proposição (**sem**), o qual é empacotado como uma referenciação (**inf**) no caso do Complemento (**cxn**). Esta combinação, que transcende às convenções prototípicas, é o que confere ao Complemento (**cxn**) sua função na Construção Oracional Completiva, ou seja, o de referenciar uma ação.

Com o intuito de ilustrar a expressão de Atitude Proposicional Epistêmica na Construção Oracional Completiva do PB, realizamos uma análise detalhada da forma e função dessa construção, reunindo os elementos (núcleo e dependentes) que a compõem, os quais são, por si mesmos, construções linguísticas. Como resultado desse processo, chegamos às seguintes conclusões:

13 Ou também *indivíduo experienciador*. Cançado e Amaral (2016) definem *experienciador* como um “ser animado que está ou passa a estar em determinado estado mental, perceptual ou psicológico” (Cançado; Amaral, 2016, p. 43).

14 A predicação de uma ação é, inclusive, uma parte da função das Construções Transitivas (Croft, 2022).

- O conteúdo semântico (**sem**) da Construção Oracional Completiva do PB pode ser conceituado como: um indivíduo experienciador manifesta uma atitude epistêmica de crença em relação à veracidade de uma proposição (**sem**).
- O empacotamento da informação (**inf**) na Construção Oracional Completiva do PB pode ser caracterizado da seguinte forma: uma estrutura de predicação que estabelece uma relação entre duas referências (Sujeito e Complemento) (**inf**).
- A estratégia (**est**) adotada na Construção Oracional Completiva do PB consiste na organização morfossintática composta por [Sintagma Nominal, Verbo, o morfema *que* e a Oração] (**est**).

Com base nessas análises, no que diz respeito à função e à forma da Construção Oracional Completiva do PB com Atitude Proposicional Epistêmica, podemos afirmar que, em termos de função, ela *predica a atitude de um indivíduo experienciador em relação à verdade de uma proposição que está sendo referenciada na oração dependente*. Já em termos de forma, no PB, a Construção Oracional Completiva segue a seguinte estrutura: [Sintagma Nominal, Verbo, o morfema *que* e a Oração]. O Quadro 2, a seguir, é uma representação da Construção Oracional Completiva com os CTPs de Atitude Proposicional Epistêmica do PB, com base no enunciado (3):

Quadro 2. Representação da forma e da função da Construção Oracional Completiva com CTPs de Atitude Proposicional Epistêmica do PB

Elementos da Construção	Sujeito (cxn)	CTP – núcleo (cxn)	Complemento (cxn)
Enunciado (3)	<i>Paulo Freire</i>	aposta	que a linguagem se constitui nas relações sociais entre os sujeitos e funciona como ferramenta para se ultrapassar a relação opressor X oprimido
Estratégia do PB (est)	Sintagma nominal (est)	Verbo (est)	morfema <i>que</i> + Oração (est)
Conteúdo semântico de cada elemento (sem)	Indivíduo Experienciador (sem)	Ação de Atitude Proposicional Epistêmica (sem)	Ação de uma proposição (sem)
Empacotamento da informação de cada elemento (inf)	Referenciação (inf)	Predicação (inf)	Referenciação (inf)

Conteúdo semântico da Construção Oracional Completiva (<i>sem</i>)	Um indivíduo experienciador tem uma atitude epistêmica de crença em relação à verdade de uma proposição (<i>sem</i>).			
Empacotamento da informação da Construção Oracional Completiva (<i>inf</i>)	Uma predicação que estabelece uma relação entre duas referências (<i>inf</i>).			
Forma da Construção Oracional Completiva do PB	Sintagma Nominal	Verbo	morfema <i>que</i>	Oração
Função da Construção Oracional Completiva com CTPs de Atitude Proposicional Epistêmica do PB	Predicar a atitude de um experienciador em relação à verdade de uma proposição que é referenciada			

Fonte: Duarte (2022)

Para além da definição de forma e função da construção estudada, constatou-se que a Construção Oracional Completiva (***cxn***) e o CTP de Atitude Proposicional Epistêmica (***cxn***) possuem uma relação que é intrínseca e não pode ser dissociada. Essa relação emerge da própria natureza do significado da construção e também do significado da atitude proposicional com caráter epistêmico do CTP, resultando das influências semânticas e dos níveis de integração entre o predicado e o complemento (Givón, 1980). A Construção Oracional Completiva é, então, a combinação de um tipo de complemento – especificamente, uma proposição atribuída à categoria de evento-ação (***sem***) com natureza relacional (***sem***), conforme Croft (2022) – com um predicado (CTP) que possui disponibilidade semântica para receber essa estrutura.

Logo, dentro dessa perspectiva, podemos compreender que a atitude proposicional não é um conceito estático e isolado, mas sim uma resposta a um evento (***sem***), a uma situação (uma proposição, no caso). Quando há a emissão de uma proposição em uma Construção Oracional Completiva, há, também, a resposta a um evento específico de crença, indicado pelo CTP, e isso é o que dá significado e relevância à atitude proposicional na construção, porque *quem possui crença*, possui crença *em algo* e não *em alguém*¹⁵. Em suma, essa atitude emerge no âmbito de eventos (***sem***), no qual essa expressão linguística adquire sentido e propósito epistêmico.

15 Em sentenças como *João acredita em Maria*, o que se expressa é que João deposita sua confiança em uma ação que Maria realizará ou já realizou – fenômeno esse que caracteriza um processo metonímico. Agradecemos ao parecerista anônimo pela contribuição.

Levando isso em conta e retomando a questão de pesquisa apresentada na seção inicial deste artigo, os CTPs analisados não expressam a atitude proposicional epistêmica quando não ocorrem na Construção Oracional Completiva, já que em outros usos preenchem *slots* diferentes em outras construções, adquirindo, assim, outras funções. Nas Construções Transitivas investigadas, por exemplo, concluímos que a ausência da expressão da atitude proposicional epistêmica se deve ao fato de que o complemento contido nesse tipo de construção não é mais uma ação de um evento relacional (**sem**), mas, sim, objeto não relacional (**sem**). Dessa maneira, a integração entre predicado e argumento na Construção Transitiva possui relações semânticas diferentes do que na Construção Oracional Completiva. Isso reforça a ideia de que a Atitude Proposicional Epistêmica é uma reação de um indivíduo a uma situação, um evento (*sem*), isto é, essa atitude incide apenas quando há um evento. Retornemos aos exemplos com o verbo *chutar* a seguir:

(5a) Ela *chutou* que o resultado final seria dois a um.

(5b) Ela *chutou* a bola.

No exemplo (5a), observamos a expressão da crença, que pode ser relativa com esse verbo, de um indivíduo, que direciona suas expectativas para um evento proposicional (**sem**). Por contraste, na situação (5b), o constituinte presente na função sintática de objeto direto indica um objeto (**sem**) e isso lhe confere um significado distinto em relação à postura proposicional de crença.

Ademais, as análises das Construções Transitivas, em consenso com Duarte (2022), revelam, também, que o elemento Sujeito, nos exemplos como em (2), deixa de ser Experienciador (**sem**) e passa a ter o papel de Agente (**sem**). Nos casos dos verbos de estado mental – como, por exemplo, os casos em (2b), (2d) e (2e), *calcular*, *imaginar* e *projetar*, respectivamente – o elemento Sujeito continua sendo um Experienciador, no entanto, ele não recebe papel de Experienciador de uma atitude proposicional epistêmica, pois essa é uma especificidade dos Sujeitos inseridos em Construções Oracionais Completivas com CTPs de atitude proposicional epistêmica. Nesses casos, os Sujeitos adquirem o papel semântico de Experienciador de uma atividade mental (**sem**). Em contrapartida, constatamos que, com exceção do verbo *acreditar*, todos os verbos assumem outro significado, isto é, são verbos polissêmicos e pertencentes a categorias distintas quando assumem o papel de predicado central de outras construções.

No processo da polissemia, fenômenos linguísticos também emergem, como a generalização de significados, permitindo que um termo seja aplicado em diversos contextos. No modelo de Croft (2022), o fenômeno da polissemia encontra explicação pelo potencial do verbo de adquirir diferentes significados, diferentes conceptualizações do evento, quando integrado a diferentes construções. Na visão léxico-construcional,

essa variedade está relacionada ao potencial dos verbos em selecionar e combinar argumentos de acordo com diferentes funções discursivas de diferentes construções, que podem ser influenciadas pela natureza do evento descrito, pelas características dos participantes envolvidos e pelas restrições contextuais.

No caso dos dados em análise, todos os CTPs investigados descrevem, na Construção Transitiva, eventos de três tipos semânticos: atividades mentais (*calcular*), atos de fala (*apostar*) ou impacto físico (*chutar*). Todos esses tipos têm em comum um significado que pode ser conceptualizado como incerteza em algum nível, a ideia de um futuro incerto; eles descrevem ações que não levam diretamente a nenhum tipo de resultado¹⁶, mas que apenas evidenciam um tipo de processo em curso.

Adotando uma abordagem funcionalista-cognitiva, a função da construção tem muito valor e é o ponto chave para a solução de problemas de alterações semânticas desse tipo. Quando esses verbos são combinados com a Construção Oracional Completiva, emerge a expressão de uma atitude proposicional epistêmica, como resultado da combinação do significado do verbo aplicado a uma proposição. Ao combinar todos os elementos, a construção permite que os falantes expressem a atitude de crença de um indivíduo experimentador em relação à verdade de uma proposição referenciada.

Assim, a atitude proposicional epistêmica é uma função da Construção Oracional Completiva; no entanto, o verbo também desempenha um papel importante, já que outros tipos de CTPs podem não transmitir atitude proposicional epistêmica, mesmo encaixados na construção (por exemplo, os verbos de fala, como *Ela falou que a Maria está grávida*). Apenas verbos que descrevem um tipo de incerteza futura podem se tornar CTPs com atitude proposicional epistêmica¹⁷. Finalmente, concluímos que a atitude proposicional epistêmica é uma função do verbo e do CTP quando combinados com a Construção Oracional Completiva; ou seja, tanto o verbo quanto a construção contribuem para a expressão da atitude proposicional epistêmica.

16 O verbo “chutar” pode ter sido incluído nesse esquema por uma associação não natural, ou seja, por um processo de analogia com os outros verbos que realmente possuem uma semântica de incerteza. Agradecemos ao parecerista anônimo pela observação.

17 O verbo “chutar”, em seu uso básico, denota um movimento que envolve um agente (aquele que chuta) e um objeto que sofre o impacto da ação (aquilo que é chutado). Como explicamos, sob uma perspectiva semântico-cognitiva, o evento de “chutar” envolve uma ação que tem uma trajetória física: o agente aplica força ao objeto, com a intenção de deslocá-lo para um destino espacial específico. No entanto, o ato de “chutar” não garante necessariamente que o objeto atingirá o destino pretendido. Logo, o evento de “chutar” inicia uma projeção de movimento, mas o ponto de chegada pode não ser concretizado. Essa característica reflete uma conceptualização de ações de projeção de uma tentativa ou hipótese, em que há intenção de atingir um objetivo, mas sem a certeza de que ele será alcançado, como é o caso dos outros verbos de atitude proposicional epistêmica, como *acreditar*, em seu uso mais prototípico.

Considerações finais

Seguindo a Gramática de Construções de Croft (2022), propomos, então, que a expressão da atitude proposicional epistêmica se dá quando um CTP ocupa o *slot* verbal na Construção Oracional Completiva. Se tais CTPs descrevem eventos que caracterizam um tipo de resultado futuro incerto, emerge a expressão de uma atitude proposicional epistêmica. Essa atitude epistêmica tem escopo sobre a proposição descrita pelo complemento. Ao combinar todos esses elementos (Sujeito, CTP e Complemento), a construção permite que os falantes expressem a atitude de um experienciador em relação à verdade de uma proposição referenciada.

Assim, a Construção Oracional Completiva, além de outras estratégias do português, expressa a atitude proposicional epistêmica. Entretanto, o verbo também desempenha um papel importante, já que outros tipos de CTPs podem não transmitir atitude proposicional epistêmica, mesmo encaixados na construção. Apenas verbos que descrevem um tipo de incerteza futura podem se tornar CTPs com atitude proposicional epistêmica; por sua vez, esses verbos expressam a atitude proposicional epistêmica apenas quando inseridos na Construção Oracional Completiva. Concluimos, portanto, que a atitude proposicional epistêmica é uma função do CTP quando combinado com a Construção de Oração Complementar; ou seja, tanto o verbo quanto a construção contribuem para a expressão da atitude proposicional epistêmica.

Referências

- AMARAL, L. *Creation in the semantics of verbs and constructions*. Fulbright Junior Faculty Member Award 2020/2021 – University of New Mexico Department of Linguistics/Fall semester 2021. Relatório Final de Pesquisa. 2022.
- AUSTIN, J. L. *How To Do Things With Words*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1962.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Campinas: Editora Vozes Limitada, 2016.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. *VerboWeb: syntactic-semantic classification of Brazilian Portuguese verbs*. Lexical Database. UFMG. 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- CEGALLA, D. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 2009.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: OUP Oxford, 2003.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. *Verbs: Aspect and Causal Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CROFT, W. *Morphosyntax: Constructions of the World's Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

CUNHA, G. *Complementos oracionais na redação do Enem: uma análise semântico pragmática*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

DUARTE, J. *A modalidade epistêmica em Construções Oracionais Completivas do português brasileiro*. 2022. Monografia (Bacharelado em Letras – Habilitação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions, and the notion of grammatical construction. *Proceedings of the 11th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 73-86, 1985.

FILLMORE, C. J. The mechanisms of "construction grammar. *Proceedings of the 14th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 35-55, 1988.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, p. 501-538, 1988.

GIVÓN, T. The binding hierarchy and the typology of complements. *Studies in Language*, v. 4, p. 333-377, 1980.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argumentstructure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 1985.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, G. Syntactic amalgams. *Papers from the 10th annual meeting of the Chicago Linguistics Society*, p. 321-344, 1974.

LAKOFF, G. Linguistic gestalts. *Papers from the 13th annual meeting of the Chicago Linguistics Society*, p. 236-287, 1977.

LANGACKER, R. Semantic representations and the linguistic relativity hypothesis. *Foundations of language*, p. 307-357, 1976.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NOONAN, M. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Revista Linguística*, v. 16, p. 595-621, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21492>

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução Marcos G. Montagnoli. São Paulo: Nova Cultural, 1999.